

Museus e educação: a experiência do Museu do Tropeiro e as escolas rurais de Castro-PR

Milena Santos Mayer (UEPG)

O Museu do Tropeiro localiza-se no município de Castro, no estado Paraná e completou em janeiro deste ano 36 anos de existência. A casa que abriga o museu foi construída no século XVIII, possui traços da arquitetura colonial e foi escolhida por ser a casa mais antiga na cidade e é tombada pelo Governo do Estado pela Lei 1211 de 06/09/1953. Adquirida pela Prefeitura Municipal de Castro em junho de 1975 na gestão do prefeito Lauro Lopes, a casa foi destinada para sediar o Museu do Tropeiro cuja criação se deu pela aprovação dos projetos de lei nº 17/1975 e 72/1975.

Por iniciativa da professora Judith Carneiro de Mello a proposta era criar um museu histórico da cidade¹ Neste período iniciou-se a restauração da casa com o acompanhamento do Departamento Histórico e Artístico do Paraná vinculado à então Secretaria de Educação e Cultura do Paraná, sendo o arquiteto responsável pelas obras Sergio Todeschini Alves.

Durante o processo de pesquisa para instalação do Museu, o professor Newton Carneiro, então membro do Conselho do Patrimônio Histórico Artístico Nacional sugeriu que devido as origens do município se instalasse em Castro um museu temático, o primeiro museu sobre o tropeirismo do Brasil. O IPHAN participou diretamente na instalação do Museu do Tropeiro através de Alfredo Rusins, assessor de Renato Soeiro, então presidente do Instituto. A inauguração do Museu ocorreu no dia 20 de janeiro de 1977.

O tema do Museu – Tropeirismo – foi um movimento que teve início em meados de 1700, quando numerosas tropas de animais, principalmente mulas e cavalos, eram levadas do extremo sul do país para serem comercializadas em uma feira que acontecia na cidade de Sorocaba, no estado de São Paulo. Lá eram revendidas para serem utilizadas no transporte de cargas, mineração e lavouras em outras regiões do Brasil. O crescimento do fluxo de tropas fez

com que se desenvolvessem outras atividades comerciais no decorrer da chamada rota dos tropeiros, posto que propiciou a fixação de moradores nos pousos. Estes moradores eram comerciantes, ferreiros, seleiros ou mesmo aqueles que se propunham a cultivar os campos, invernar e criar gado muar e bovino. A cidade de Castro, assim como tantas outras, era ponto de parada dos tropeiros durante a longa viagem.²

A proposta do Museu do tropeiro é evidenciar e difundir os traços culturais que o Tropeirismo deixou na identidade do povo castrense e paranaense, através do seu acervo composto por documentos, objetos, indumentária, etc.

A história dos museus pode ser dividida em três momentos: o primeiro seria no período da Antiguidade Clássica, quando eram reunidas coleções de objetos de arte em templos gregos e romanos; um segundo momento significativo na história dos museus seria o Renascimento no qual foram criados os chamados gabinetes de curiosidades principalmente com as grandes coleções dos nobres europeus; e um terceiro momento surge com o Iluminismo, quando estes museus foram se modificando, transformando-se em locais de pesquisas e em instituições públicas (CARNEIRO, 2001, p. 13). No Brasil, as primeiras instituições museológicas surgem no século XIX com as mesmas características dos museus deste último período, passando por muitas transformações no decorrer dos séculos foram deixando de ser um espaço que existia apenas nos grandes centros e hoje são encontrados em muitas cidades de pequeno porte ou localizadas no interior do país.

No ano de 2003 foi lançada a PNM - Política Nacional de Museus, a qual gerou um documento que já na sua introdução prevê a implantação de políticas públicas e destaca a importância dos museus no contexto cultural do país no que diz respeito a identidade e cidadania. De acordo com os documentos produzidos através da PNM fica clara a preocupação e a intenção da nova museologia para que os museus cumpram a sua função social. A atual definição de museu segundo o Instituto Brasileiro de Museus – IBRAM³ expõe que:

“os museus são casas que guardam e apresentam sonhos, sentimentos, pensamentos e intuições que ganham corpo através de imagens, cores, sons e formas. Os museus são pontes, portas e janelas que ligam e desligam mundos, tempos, culturas e pessoas diferentes. Os museus são conceitos e práticas em metamorfose” (IBRAM, 2013).

Podemos estender essa definição para além do museu propriamente dito e fazermos referência a todos os espaços de memória. Contudo, esta definição nos parece poética tanto na forma quanto no conteúdo, pois para o senso comum, o museu é estático e velho, possuindo a função de guardar “coisas” que não tem mais utilidade ou contar a história dos “vencedores”, dos grandes heróis nacionais, enfim um espaço da elite intelectual ou econômica.

O trabalho que deu origem a este texto é fruto de uma iniciativa proposta pelo IBRAM, pois para participar da 11ª Semana Nacional de Museus, a equipe do Museu do Tropeiro, entre funcionários e voluntários, desenvolveu um projeto intitulado “Museu na Escola”. O projeto se fundamentou em organizar uma exposição itinerante que foi levada até doze escolas municipais do interior de Castro e atingiu aproximadamente mil alunos, do primeiro ao quinto ano do ensino fundamental e com idades entre sete e dez anos durante o primeiro semestre de 2013.

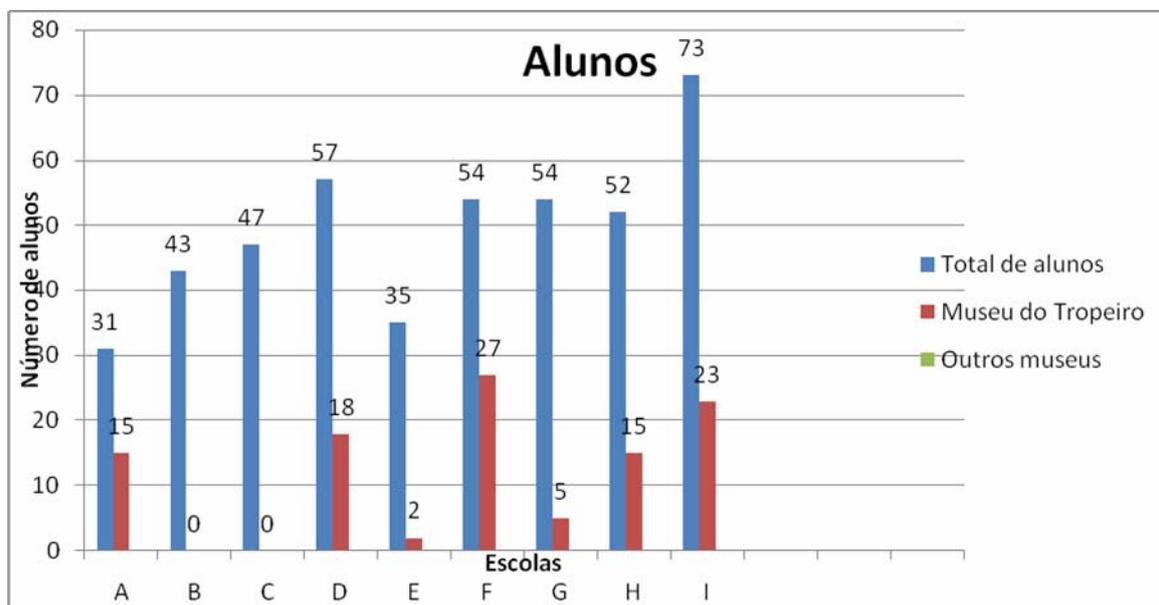
A proposta consistiu em reproduzir ou demonstrar nas escolas as mesmas informações que as crianças podem encontrar no espaço do Museu e para isso foram utilizados banners, réplicas e objetos originais, com o intuito de contar a história do tropeirismo como ela é apresentada na instituição. A exposição apresentava informações sobre o caminho percorrido, a indumentária do tropeiro, a representação de um pouso contando os costumes e a alimentação utilizada, o uso das ervas medicinais e as crenças e superstições através das lendas dos personagens do folclore brasileiro. Além da exposição dos objetos, de forma tradicional/convencional, a ação educativa se deu a partir de uma monitoria e apresentação didática realizada por turmas e da realização de atividades participativas com jogos de ilusões de ótica nos quais as crianças identificavam imagens ligadas ao tropeirismo. Todos os participantes recebiam atividades para a sala de aula de acordo com a faixa etária: primeiro a terceiro ano receberam desenhos para colorir e quartos e

quintos anos receberam textos base para fixação do conteúdo trabalhado. Todos ganharam um doce de origem indígena e difundido também pelos tropeiros: a paçoca de amendoim.

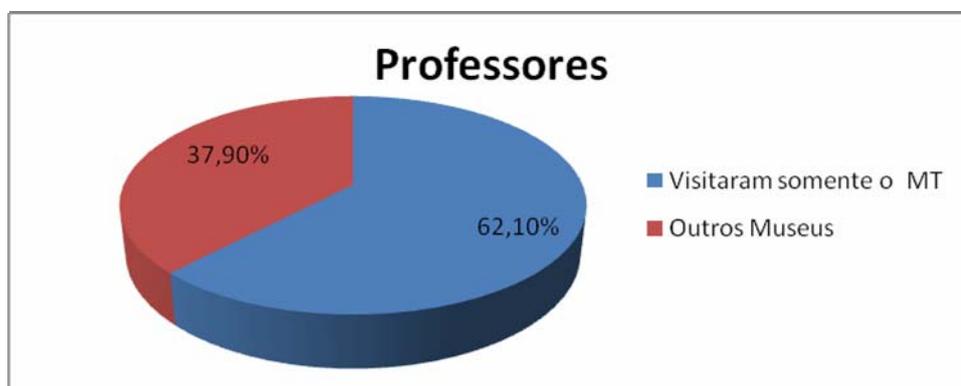
Segundo os relatórios de visitação do Museu do Tropeiro, a média de público gira em torno de 13.000 visitantes ao ano, dos quais grande parte de estudantes de núcleos urbanos. A proposta do projeto era dar oportunidade aos alunos da zona rural de conhecerem o Museu e assim fomentar a formação de público nas escolas,

globalmente, entende-se por público o conjunto de usuários de um serviço. No caso dos museus, os usuários são todos aqueles que utilizam um serviço posto   disposição pela instituição museu. Assim, o público dos museus corresponde não são aos visitantes (pessoas que entram ou entraram no museu), mas também é a parcela daqueles que, de alguma maneira, sem uma relação presencial no museu, usufruíram dos serviços ou bens por ele disponibilizados (p. e. encomenda de livros ou outros materiais por catálogo, visitas a exposições itinerantes, destinatários de ações pedagógicas levadas a efeito nas escolas...) (MOREIRA, 2007, p 101).

Os questionários de avaliação da atividade foram distribuídos para todas as professoras que acompanharam o projeto, sendo 10 regentes de duas turmas e no final do processo foram devolvidos 39 questionários respondidos, sendo 29 professores (as) de 9 escolas e 3 escolas não participaram da avaliação. As principais perguntas eram: formação do professor (a); número de alunos que participaram da atividade; número de alunos que já visitaram o Museu do Tropeiro ou outro museu (caso a professora já tenha ido a museus, que nominasse quais e com que frequência os visita) e a avaliação da atividade com comentários/ sugestões. Os dados levantados em relação   visitação de museus encontram-se nos gráficos abaixo:



Fonte: Prefeitura Municipal de Castro. Museu do Tropeiro, Projeto Museu na Escola, 2013.



Fonte: Prefeitura Municipal de Castro. Museu do Tropeiro, Projeto Museu na Escola, 2013.

Através dos questionários concluiu-se que a maioria dos professores visitou apenas o Museu do Tropeiro. Em relação aos alunos 77% das crianças nunca foram ao MT ou a outro museu. Na fala das professoras é possível identificar que o principal motivo de desconhecimento dos alunos é a falta de acesso ao Museu, bem como ao próprio centro da cidade.

Professor (a) um	O trabalho desenvolvido pelo Museu foi muito importante para a aprendizagem dos alunos. Além de contribuir com o trabalho do professor em sala de aula, estimula a curiosidade de nossos alunos, que muitas vezes não tem oportunidade de ir até o museu. (...)
Professor (a) dois	Foi muito importante a iniciativa de trazer um pouco do museu até nossos alunos, pois é uma questão que lutamos todos os anos para conseguir leva-los até a cidade para que vivenciem na prática o que estudamos em sala de aula. Hoje, todos tiveram a oportunidade de conhecer um pouco mais da história, despertando em cada um deles a vontade de saber mais. Minha sugestão é que em outra oportunidade possamos leva-los até o museu, e outros pontos turísticos, incluindo a Fazenda Capão Alto.
Professor (a) três	Trazer para a escola peças do museu para que os alunos possam observar e ouvir comentários e explicações dos funcionários foi uma ideia brilhante: comoveu, pois além dos objetos que estão próximos do cotidiano das comunidades desafios foram colocados. Preservar a nossa história é construir a identidade, principalmente aos alunos do campo que raramente tem esse contato pela dificuldade de acesso cidade e também por falta de conhecimento de seus familiares.

Além de proporcionar o acesso ao Museu a proposta do projeto baseou-se também em apresentar a história do tropeirismo a partir dos usos e costumes que permanecem ou que deixaram resquícios na atualidade. Conceitos como identidade e cultura aparecem constantemente quando nos referimos aos museus. Para SANTOS, B. (1997) as identidades se constroem numa linha de tensão entre *demos* e *ethos*, ou seja, entre o povo/sujeitos, e o conjunto de hábitos e ações de uma determinada comunidade. Quando nos referimos à cultura, podemos falar da origem latina da palavra a qual nos remete cultivo, cuidado, entretanto é difícil estabelecer uma única definição deste termo complexo e extremamente relevante. Afinal, trata-se de tudo o que, numa dada sociedade, é adquirido, apreendido e pode ser transmitido. A cultura visa, portanto, todo o conjunto da vida social, desde os aspectos tecnológicos e às organizações institucionais até as formas de expressão humana.

Através das avaliações é possível identificar que por mais que os professores não tenham a cultura de visitar museus e a dificuldade de conseguir levar seus alunos ao MT, o professor (a) tem consciência que a atividade tem relação com a identidade e com aspectos culturais da comunidade: “preservar a nossa história é construir a identidade”. O contexto cultural caracteriza tipos de cultura, isto é, conjuntos de conhecimentos predominantes de ideias estabelecidas, de crenças admitidas, de normas aceitas, de valores e de condutas específicas a cada cultura.

Para SANTOS, B. (1997) a construção de identidade na pós-modernidade sofre uma imposição do sistema capitalista de uma cultura global, para constituição de uma identidade baseada no consumismo, que se dá em um processo de descontextualização. Contudo, os processos de particularização e recontextualização também atuam nessa construção, buscando o que o autor chama de culturas locais, através de movimentos comunitários, afirmações a culturas ditas “regionais”. E os museus aparecem como uma institucionalização desses movimentos, bem como o próprio Museu do Tropeiro, como citado no início do texto.

A identificação dos alunos com a exposição é fundamental para a discussão de patrimônio cultural, sobre isso Gonçalves (2005) escreve que:

um patrimônio não depende apenas da vontade e decisão políticas de uma agência de Estado. Nem depende exclusivamente de uma atividade consciente e deliberada de indivíduos ou grupos. Os objetos que compõem um patrimônio precisam encontrar “ressonância” junto a seu público. (p.19)

Portanto, a ação educativa teve como proposta provocar essa ressonância, que segundo Gonçalves é o patrimônio significar algo além do formal, fazendo sentido e favorecendo o interesse da preservação e do conhecimento. A ação educativa “não se trata de uma simples ação de apresentação de objetos em uma exposição, mas sim, desenvolver o material trabalhado como fonte de informação” (RODRIGUES, 2010, p.220).

Um dos pontos que aparece em comum em quase todas as falas dos professores são as considerações em relação à “importância dos alunos

conhecerem a sua própria história” e de como a exposição se configura como um instrumento para aprendizagem.

Professor(a) 4	O trabalho em conjunto entre a equipe de funcionários do museu e a escola, possibilita aprendizagem significativa aos alunos, pois resgata a história e a origem do tropeirismo que pelo avanço das tecnologias estes acabam ficando um pouco esquecido, mesmo fazendo parte da história de alguns familiares.
Professor (a) 5	Foi muito interessante, uma vez que nossos alunos não costumam ir ao museu, nós trabalhamos sobre o assunto, mas é muito mais significativo para eles quando vêem os objetos. Como sugestão, seria interessante se viesse mais vezes.
Professor (a) 6	Descobrimos o que somos, enquanto indivíduos e grupo social, quando conhecemos a nossa história, a história das gentes e dos lugares. Conhecendo a história do presente, buscaremos no tempo passado as explicações e respostas das demandas da nossa realidade. Assim, a visita do museu na escola possibilita aos alunos a compreensão da realidade que os rodeia, percebendo dessa maneira que o tempo passado e o tempo presente estão intimamente interligados. A realidade pode ser transformada pelos sujeitos da própria história, isto é, pelas pessoas.
Professor(a) 7	Momento ímpar para a turma, pois a maioria nem sabia o que era um museu. Foram muito interessantes as colocações das apresentações e os alunos também questionaram. Estamos desacostumados a eventos sociais e históricos como esse. Os alunos adoraram, podendo explorar ainda mais o assunto, mesmo com a turma dos mais novos. Obrigada pela oportunidade!

No que diz respeito aos jogos e aos desenhos trabalhados com as crianças durante a ação educativa, a proposta era aproximá-las do tema e aguçar o interesse não só pela própria história do município em que vivem, bem como despertar o gosto pelos museus e/ou espaços de guarda da memória. Segundo WEIERS e SOUZA (2010), a experiência e a proposta de ações educativas do Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville, com o projeto Escola no Museu que tem início já na década de 1970 vai de encontro com a proposta do projeto Museu na Escola do MT. Ambos entendem que:

A possibilidade de perceber o espaço museal como um lugar agradável onde é possível aprender brincando, inspira-se também no princípio piagetiano de que a atividade lúdica é o berço obrigatório das atividades intelectuais da criança, sendo, por isso, indispensável à prática educativa. (...) Nesse contexto, avalia-se que atividades educativas em museus permitem que a criança recrie a realidade usando sistemas simbólicos. Sendo essas atividades contextualizadas social e culturalmente, caracterizam-se por serem humanas, criadoras, na qual imaginação, fantasia e realidade

interagem na produção de novas possibilidades de interpretação, de expressão e de ação, assim como de novas formas de construir relações sociais com outros sujeitos, crianças e adultos. Dito de outra forma, a apropriação sensorial e intelectual dos espaços de memória desde a infância pode ser utilizada como instrumento de inserção e de ação crítica no meio social (p. 38).

Essa questão também foi observada pelos professores e é possível considerar nas avaliações que as atividades lúdicas são aprovadas pelos mesmos:

Professor(a) 8	A atividade realizada com a turma esta bem adequada com a faixa etária dos alunos e com os conteúdos propostos , pois envolve leitura, numeração e pintura de personagens e objetos que relembram a história dos tropeiros. Através desse trabalho os alunos já terão uma noção da história e origem de seu município. Em fim uma maneira bastante criativa de passar conhecimento aos alunos.
Professor(a) 9	A atividade foi muito bem conduzida. Os alunos, apesar de pequenos estavam bem concentrados e interessados. Perguntavam, respondiam ao que eram questionados. Muitos comentaram que vão pedir aos pais para juntos visitarem o museu. Ou seja, é um projeto que está no caminho certo.
Professor(a) 10	Muito boa, pois concluíram a matéria de história de Castro dando ênfase no pré-conhecimento do aluno. Também aguçando a curiosidade e a percepção diante dos quadros e história culturais.
Professor(a) 11	Creio que a iniciativa de trazer o acervo do tropeirismo até a escola foi bem interessante. Pois está dando oportunidade de muitos que não conheciam esse acervo de conhecerem. A explicação foi bem feita, relatou toda a trajetória que deixou as crianças interessadas. Acho que esse dia ficará marcado na memória dos baixinhos, porque foi uma aula diferente.

No que diz respeito à história dos museus brasileiros, observou-se que, desde o final do século XIX, não havia interesse por parte de seus gestores em atingir um grande público, relegando ao museu um espaço restrito e destinado a um público seletivo. Tal situação está diretamente ligada às condições socioeconômicas da população, visto que segundo Miriam Sepúlveda dos Santos (2004), as regiões sul e sudeste do país são as que possuem um maior número de museus, devido a posição que ocupam em relação ao PIB - Produto

Interno Bruto, possuindo também a menor taxa de analfabetismo e um maior índice de urbanização.

Entretanto, pode-se observar que os museus estão, de maneira geral, em busca de uma resignificação na contemporaneidade, a fim de não serem mais vistos como locais apenas de guarda de objetos antigos, mas espaços possibilitadores de ações educativas. É neste sentido que se procurou compreender, por meio da aplicação de questionários, em que medida o museu pode e/ou está efetivamente se constituindo em um instrumento didático de valorização da cultura regional. O projeto Museu na Escola é um exemplo de como as ações educativas são fundamentais para um melhor aproveitamento do espaço museal, afinal é dado que educação e museus devem caminhar juntos para que os objetivos sejam alcançados e os museus cumpram sua função social.

Referências

CARNEIRO, Cintia Maria Sant'Ana Braga. **O Museu Paranaense e Romário Martins**: a busca de uma identidade para o Paraná 1902 a 1928, 2001. Dissertação (Mestrado em História) Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

DICIONÁRIO DE CIÊNCIAS SOCIAIS. FGV, Instituto de documentação. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1986.

FERREIRA, Ângela Ribeiro; JOHANSEN, Elizabeth. **Oficina História IV**, Ponta Grossa: UEPG, 2009.

GONÇALVES, J. R. S. **Ressonância, materialidade e subjetividade**: as culturas como patrimônios. *Revista Horizontes Antropológico*, Porto Alegre, n. 23, p. 15-36, jan./jun. 2005.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 3. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

MOREIRA, Fernando João de Matos Uma reflexão sobre o conceitode publico nos museus locais. In: **MUSAS – Revista Brasileira de Museus e Museologia**.no. 3, Rio de Janeiro: IPHAN,2007 p. 101

RODRIGUES, Ana Ramos. **O Museu Histórico como agente de Ação Educativa.** Revista Brasileira de História & Ciências Sociais Vol. 2 N^o 4, Dezembro de 2010.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade.** 4 ed. São Paulo: Cortez, 1997.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. **Museus brasileiros e política cultural.** *Rev. bras. Ci. Soc.*[online]. 2004, vol.19, n.55, pp. 53-72.

SOUZA, Flávia Cristina Antunes de; WEIERS, Merilluce Samara. **Uma experiência de educação patrimonial no Museu Arqueológico de Sambaqui de Joinville:** provocando sensações e estimulando percepções. Revista CPC, São Paulo, n. 9, p. 25-41, nov. 2009/abr. 2010.

¹ As informações sobre o histórico do museu foram retiradas de textos e documentos presentes no acervo do próprio museu e não possuem a referência autoral.

² Sobre Tropeirismo ver ALMEIDA, Aluisio de. **Vida e morte do tropeiro.** São Paulo: Martins; EDUSP, 1981; FLORES, Moacyr. **Tropeirismo no Brasil.** Porto Alegre: Nova Dimensão, 1998; TRINDADE, Jaelson Bitran, **Tropeiros.** São Paulo, Editoração publicações e comunicações Ltda, 1992. 160p.

³ O IBRAM é uma autarquia federal, vinculada ao ministério da cultura, criado a partir da Lei nº 11.906, em 20 de janeiro de 2009, que desmembrou do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional a Diretoria de Museus e as Unidades Museológicas.